

...ADDHU e os Direitos Humanos

ONU **Nas Nações Unidas, a** **Assembleia-Geral fecha o** **ano com uma nota positiva**

A sessão corrente da Assembleia Geral das Nações Unidas, que dura desde Setembro do presente ano – um ano de eventos extremamente desafiantes à escala global -, parece estar prestes a fechar com um balanço positivo. “Este tem sido um ano exigente e cheio de eventos, com vários desenvolvimentos significativos desde que assumi a Presidência das Nações Unidas”, foram as palavras de al-Nasser numa conferência de imprensa de final de ano.

Apontaram-se as revoltas e os movimentos de protesto popular que abarcaram a África do Norte e o Médio Oriente e que culminaram na queda dos regimes ditatoriais no Egipto, Líbia, Tunísia e no Líbano, a chamada Primavera Árabe. Acrescentou ainda a crescente preocupação da Assembleia com os Direitos Humanos, assunto que tende a ser cada vez mais consensual entre os Estados-membros.

Al-Nasser urgiu também à cooperação entre a Assembleia Geral e o Secretário Geral

das Nações Unidas, Ban Ki-moon, pretendendo para o ano vindouro uma maior união na acção dos dois gabinetes. “Estamos a mostrar a ONU a trabalhar como um para alcançar os melhores resultados para benefício de grupos e de pessoas à volta do mundo”

Na China, Navi Pillay, Alta Comissária da ONU para os Direitos Humanos, tem vindo a condenar as duras sentenças de prisão dadas aos activistas pró-democráticos Gao Zhisheng, Chen Xi e Chen Wei. Pillay afirma estar cada vez mais preocupada com o que aparenta ser uma repressão cada vez maior por parte na China no que diz respeito às questões dos Direitos Humanos.

Na Síria, informações apuradas por uma comissão de inquérito e

apresentadas ao Conselho dos Direitos Humanos da ONU no dia 28 de Novembro mostram que as forças de segurança sírias cometeram crimes contra a humanidade em vários locais do país desde o início do protesto em Março de 2011, tendo morrido 3500 pessoas devido à vaga repressiva do regime sírio. Numa votação aprovada por 133 votos contra 11, um resultado quase inédito, a ONU condenou as violações de Direitos Humanos perpetradas pelo governo de Bashar Assad, urgindo ao fim da violência.

No Bahrain, uma delegação das Nações Unidas, convidada pelo governo, visitou o país entre os dias 13 e 17 de Dezembro, reunindo-se com vários oficiais do governo e com membros variados da sociedade civil. Esta visita foi precedida por um relatório da comissão de inquérito no Bahrain no dia 23 de Novembro, que confirmou a violação sistemática de direitos, concluindo que a falta de responsabilidade das autoridades do Bahrain levou a uma “cultura de impunidade” e de violações constantes e contínuas das leis internacionais acerca dos Direitos Humanos e até da própria legislação nacional.





Associação de Defesa dos Direitos Humanos

...ADDHU e os Direitos Humanos

No Irão, o Enviado Especial da ONU para a questão dos Direitos Humanos, Ahmed Shaheed, declarou em Novembro que acredita que, caso o país não coopere com o seu mandato e continue a ignorar persistentemente os mecanismos internacionais de monitorização da observância dos Direitos Humanos que se acredita estarem em deterioração acelerada, o país poderá eventualmente acabar no Conselho de Segurança da ONU.

Finalmente, passos têm sido dados no sentido de promover a **maior participação da mulher** nos processos democráticos, principalmente nos países árabes que testemunharam derrubes de regimes autoritários. A participação activa das mulheres nos protestos públicos em várias partes do mundo demonstra a sua vontade de promover a mudança social, principalmente no sentido de fazer prevalecer o respeito pela lei e pelos Direitos Humanos, afirmou Rashida Manjoo, a Enviada Especial da ONU pela violência contra as mulheres, acrescentado que “A impunidade, emparelhada com as leis e as práticas vigentes que discriminam as mulheres, só vão encorajar mais violência contra as mulheres”. Qualquer falha

por parte das autoridades no sentido de agir sobre a violência contra as mulheres terá surgido, de acordo com Manjoo, como consequência da relutância dos Estados de cumprir a sua obrigação de prevenir, investigar e perseguir todos os responsáveis pelos actos de violência.

Com o slogan “**Não são direitos dos gays, são Direitos Humanos**” repetido por todas as redes televisivas internacionais, as Nações Unidas deram um passo significativo no sentido de promover o respeito pelos direitos das minorias sexuais, redigindo um relatório no qual se reitera a obrigação dos Estados protegerem os direitos do indivíduo independentemente da sua orientação sexual.

António Guterres, no dia 7 de Dezembro, reiterou a importância de que está investida a tomada de posição da comunidade internacional face aos inúmeros desafios por que passam os milhões de **indivíduos que se encontram numa situação apátrida**. Na maior conferência de imprensa relativa ao tópico geral dos refugiados, António Guterres afirmou que uma sucessão de crises políticas e económicas estão a contribuir activamente para um ambiente cada vez

mais difícil para a protecção de todos os que são obrigados a sair dos seus lares.

Tribunal Penal Internacional

Quatro anos após a violência pós-eleitoral que assombrou o Quénia, as autoridades policiais e o sistema judicial quenianos não procederam ainda a investigações que visem apurar responsabilidades e trazer justiça às vítimas, urgindo a criação de mecanismos judiciais para compensação das vítimas do período pós-eleitoral de 2007. O director da Human Rights Watch em África, Daniel Bekele, disse a este respeito que “de acordo com a lei internacional, o Quénia tem a obrigação de condenar todos estes crimes e todas as vítimas têm o direito a que seja feita justiça (...) e já estão à espera disso há muito tempo” e que “o Quénia deve lidar com estes casos recorrendo a um mecanismo judicial especial reforçado por juristas e procuradores internacionais aliados de interferências políticas”.

No início do mês de Dezembro, o Tribunal Penal Internacional decidiu solicitar um **mandado de captura para o Ministro da Defesa do Sudão, Abdelrahim Hussein**, por crimes de guerra



Associação de Defesa dos Direitos Humanos

...ADDHU e os Direitos Humanos

e crimes contra a humanidade cometidos no Darfur – Sudão – entre Agosto de 2003 e Março de 2004. A representante da Human Rights Watch, Elise Keppler, considera mesmo que “o mandado de captura para Hussein é visto como um passo importante para que seja feita justiça para as vítimas dos crimes cometidos no Darfur”. Hussein é visto como alguém que teve um papel fulcral no planeamento de estratégias de limpeza étnica na região do Darfur, tendo coordenado ataques militares contra civis e sido o responsável por perseguições e ataques a determinados grupos étnicos.

Birmânia

Apesar do aparente relaxar de algumas das suas restrições face aos media, a notória **Divisão do Escrutínio e Registo da Imprensa da Birmânia está novamente a ganhar rigidez**, recusando-se a aceder à publicação de alguns comentários feitos por Aung San Suu Kyi numa conferência de imprensa que marcou o aniversário de um ano desde a sua libertação de prisão domiciliária, no passado dia 14 de Novembro. Entre os comentários não publicados de Aung San Suu Kyi encontram-se: “Não há prisioneiros políticos num

país onde reina a lei”, “Todos sabemos que não há liberdade e equilíbrio no pilar judicial do país”, entre outros.

Ainda assim, no passado dia 23 de Dezembro, a **Liga Nacional para a Democracia, liderada precisamente por Aung San Suu Kyi, registou-se de novo como partido político** de modo a poder participar nas eleições que se avizinham, sendo assim dados os primeiros passos para uma aproximação entre o governo e a líder do principal partido da oposição que tem como algumas das suas bandeiras “(...) trabalhar para emendar a Constituição” e “emendar quaisquer leis que não beneficiem o país”.

- Cessar-fogo em Kachin?

O Presidente da Birmânia, Thein Sein, pediu às suas forças militares que parassem os ataques contra os rebeldes de Kachin numa tentativa de solucionar os conflitos políticos que decorrem nesse estado.

O gabinete do presidente em Naypydaw, capital administrativa da Birmânia desde 2005, emitiu um comunicado onde diz que “O Presidente deu instruções às forças militares no passado sábado, 10 de Dezembro, para não travarem conflitos com o

Exército Independente de Kachin excepto em situações de auto-defesa”.

Neste sentido, Thein Zaw, o segundo na hierarquia do Comité de Paz e União do governo birmanês, encarregue de procurar a paz com os grupos de minorias étnicas, disse recentemente à liderança do Exército de Independência Kachin que as operações militares a decorrer contra as milícias étnicas estão a ser limitadas e têm o único objectivo de fazer pressão no sentido de se acelerar o assinar da paz.

“U Thein Zaw afirmou numa carta recente à nossa liderança que as operações militares [do governo] estão limitadas e que o propósito era abrir o caminho para a paz”, disse Aung Jet, um oficial numa das milícias do Estado Kachin. Na sua base no Norte da Birmânia, esta milícia tem lutado continuamente contra as tropas do governo desde Junho.

- Refugiados de Kachin em condições de saúde lastimáveis

De acordo com o governo da Birmânia, milhares de crianças de Kachin aparentam sofrer de traumas psicológicos enquanto que alguns adultos padecem de elevados sentimentos



Associação de Defesa dos Direitos Humanos

...ADDHU e os Direitos Humanos

de insegurança e de baixa confiança. As pessoas mais vulneráveis, de entre os 34000 refugiados no estado de Kachin, são crianças, mulheres e pessoas idosas. Estes dados foram proferidos pela Comissão Nacional para os Direitos Humanos de Myanmar depois de uma visita a Kachin, no norte da Birmânia, que visou observar as condições em que se encontram os refugiados de guerra naquele estado.

Além dos problemas de saúde, os refugiados sofrem igualmente com a escassez de alimentos e com as condições de higiene sanitária precárias (como por exemplo o difícil acesso a água potável) apesar de as Nações Unidas terem já procurado auxiliar algumas pessoas nas zonas controladas pelos rebeldes.

Alguns dos desalojados atravessaram a fronteira em direcção á China mas agora enfrentam a perspectiva de terem de regressar à zona de conflitos, na Birmânia, por ordem das autoridades chinesas.

- Protesto de Monges Budistas e Visita de Dalai Lama

Cinco monges budistas puseram termo a um protesto raro na Birmânia em que apelaram à

paz e à libertação de todos os prisioneiros políticos. Para os monges que encetaram o protesto, há prioridades a considerar no país, e no topo têm de estar a garantia de liberdade de expressão, da libertação dos presos políticos e do fim da guerra civil que continua a assolar o país. Alguns relatórios internos, de Dezembro, confirmam mesmo que vai ser concedida uma nova amnistia para alguns presos que, segundo Shwe Mann, porta-voz do Parlamento, "*possam contribuir para o bem estar do país*" dando um sinal de que, entre os libertados, possam estar alguns presos políticos.

Já o líder espiritual tibetano, Dalai Lama, manifestou a sua vontade em visitar a Birmânia com o intuito de realizar uma homenagem ao Centro Religioso Budista (Pagode) de Schwedagon, em Rangun. Contudo, esta suposta visita do simples monge budista pode não estar para breve uma vez que se prevê que, mais uma vez, seja recusada a concessão de um visto ao líder tibetano. A China tem-se oposto, sistematicamente, às visitas de Dalai Lama ao sudeste asiático por acreditar que a exposição do representante Budista pode

fomentar uma campanha internacional que apoie a independência do Tibete.

Mundo

- Existem 179 jornalistas presos em todo o mundo

De acordo com o Comitê para a Protecção dos Jornalistas (CPJ) estão actualmente presos, em todo o mundo, 179 jornalistas o que representa um aumento de 34 em relação a igual período do ano passado. Este número é o mais elevado dos últimos 15 anos e engloba escritores, editores e fotojornalistas. O país que actualmente tem mais jornalistas detidos é o Irão (42), seguido da Eritreia (28). A China (27), Birmânia (12) e Vietname (9) são os países que se seguem na lista.

- Uzbequistão: A apatia do Ocidente

O Uzbequistão não manteve a promessa de acabar com a tortura no seu sistema judicial, continuando a recorrer a métodos bárbaros como choques eléctricos e asfixia, segundo reporta a Human Rights Watch.

Os governos ocidentais, que procuram estreitar laços com este governo da Ásia Central, têm ignorado estas situações de abuso dos direitos humanos,



Associação de Defesa dos Direitos Humanos

...ADDHU e os Direitos Humanos

por motivos estratégicos, continuando alguns activistas presos e continuando a sociedade civil a ser suprimida. Steve Swerdlow, investigador uzbeque da Human Rights Watch, considera que “o Ocidente tem de acordar e constatar que o Uzbequistão é um estado onde estão os registos mais negativos em matéria de direitos humanos. O facto de estar geograficamente localizado junto do Afeganistão não pode ser motivo para que o Uzbequistão viva nesta situação de torturas e repressão.”

Estas críticas surgem pelo facto de os principais actores internacionais, como os Estados Unidos e a União Europeia, terem, nos últimos anos reduzido as suas preocupações com as questões de direitos humanos em Tashkent, devido à importância estratégica do Uzbequistão para as tropas da NATO que ainda estão no Afeganistão.

- Morte de Kim Jong-Il: uma nova esperança para os direitos humanos no país?

A morte do ex-líder norte-coreano, Kim Jong-Il, no passado dia 19 de Dezembro foi vista pelos 22 mil refugiados norte-coreanos, que vivem na Coreia do Sul, como um primeiro

passo para a futura abertura e democratização daquele que é considerado o país mais isolado do mundo.

Segundo a Human Rights Watch, este acontecimento também é visto por alguns como uma esperança em que o novo líder escolha um caminho que permita reformar a situação crítica de direitos humanos que o país vive. Durante 17 anos Kim Jong-Il exerceu total controle sobre um dos mais fechados e repressivos governos do mundo, tendo sido responsável pela morte de centenas de milhares de norte-coreanos em prisões, execuções públicas, em situações de privação de comida e em campos de trabalhos forçados.

Apesar de Kim Jong-Il ir ser substituído no poder pelo seu filho, Kim Jong-un, Peter Chung, porta-voz da organização Justice for North Korea, acredita que Jong-un “tomará o poder, mas em dois ou três anos haverá grandes mudanças na Coreia do Norte, já que muita gente está cansada do regime e agora há mais influência do exterior no país”.



Associação de Defesa dos Direitos Humanos

**Notícias recolhidas nos serviços noticiosos da Human Rights Watch e de diversos jornais birmaneses no exílio.*

ADDHU - ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS
RUA D. JOÃO V, Nº 19 – 5º ESQ., 1250-089 LISBOA, PORTUGAL
(+351) 213 648 171 | (+351) 962 904 738
WWW.ADDHU.ORG | INFO@ADDHU.ORG

Visite o nosso site e saiba como participar na nossa luta para que a Declaração Universal dos Direitos Humanos não seja apenas uma utopia, mas uma realidade!